

“Não é crime, mas pecado”: Reflexões sobre o conceito de alteridade na cobertura jornalística das declarações do Papa Francisco sobre a homossexualidade¹

Rafael Rodrigues PEREIRA²
Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a cobertura jornalística recente das declarações do Papa Francisco sobre a homossexualidade. Utilizando a metodologia de Análise do Discurso de linha francesa, com foco nas marcas linguístico-discursivas de representação, o estudo busca compreender como os meios de comunicação tradicionais constroem e difundem discursos sobre questões de sexualidade em textos informativos e opinativos. A investigação abordará a construção de sentidos, a desconstrução de estereótipos no que tange à sexualidade e uma análise das estratégias discursivas empregadas pelos veículos enquanto produtores de uma comunicação que deve ser humanizada e contra hegemônica.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade; discurso; religião; homossexualidade; jornalismo.

Introdução

Nos últimos anos, as declarações do Papa Francisco sobre temas relacionados à homossexualidade têm gerado amplas discussões na mídia. Em 2023, o Papa voltou a se pronunciar sobre o tema, provocando uma nova onda de cobertura jornalística. Este artigo pretende analisar como a imprensa brasileira cobriu essas falas, considerando os princípios de alteridade e diversidade, e a forma como os discursos jornalísticos contribuem para a construção social da identidade homossexual.

Os objetivos dessa pesquisa consistem em identificar os principais veículos de comunicação que cobriram as falas do Papa e a abordagem utilizada por cada um, além de analisar as narrativas construídas em torno das declarações do Papa sobre a homossexualidade feitas no ano de 2023 e primeiro semestre de 2024, como, por exemplo, acerca da benção da Igreja sobre as uniões homoafetivas, a homossexualidade ser considerada crime ou a presença de homossexuais em seminários.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela UFP - Universidade Fernando Pessoa - Portugal, e-mail: rarpereira@gmail.com.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como os meios de comunicação tratam questões de sexualidade, especialmente quando envolvem figuras de autoridade e influência global como o Papa. Além disso, a análise crítica do discurso jornalístico permite identificar possíveis vieses e preconceitos que podem afetar a percepção pública sobre a homossexualidade e a comunidade LGBTQIA+. Assim, o problema de pesquisa consiste em responder: como a imprensa brasileira, ao cobrir as declarações do Papa Francisco sobre a homossexualidade em 2023 e 2024, representa pela perspectiva da alteridade, e de que forma essas narrativas jornalísticas contribuem para a construção social da identidade homossexual?

As declarações do Papa, que muitas vezes tensionam os dogmas tradicionais da Igreja Católica, oferecem um terreno fértil para examinar como a mídia negocia e articula temas sensíveis como a homossexualidade. A análise se concentrará em como os veículos jornalísticos retratam estas falas, revelando as nuances e complexidades envolvidas. A análise da cobertura jornalística das falas do Papa é essencial para entender como a mídia molda as narrativas em torno de temas sensíveis e polarizadores. Além disso, é crucial avaliar se essa cobertura contribui para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa ou se reforça estigmas e preconceitos existentes.

O jornalismo tem o poder de influenciar as percepções sociais e políticas, e sua abordagem em relação a temas como esse pode ter impactos profundos. Portanto, é necessário um exame crítico das práticas jornalísticas para promover uma comunicação mais sensível e não violenta. Este artigo se propõe a contribuir para esse debate, oferecendo uma análise detalhada e reflexiva da cobertura das falas do Papa sobre a homossexualidade.

Ademais, a cobertura da mídia sobre as declarações do Papa Francisco serve como um reflexo das dinâmicas sociais e políticas em jogo no Brasil contemporâneo, especialmente em um momento em que questões de gênero e sexualidade estão no centro do debate público. A polarização em torno de temas LGBTQIA+ é evidenciada nas reações das diversas esferas da sociedade, incluindo grupos conservadores, movimentos progressistas e a própria hierarquia católica. Assim, é fundamental explorar como os diferentes veículos de comunicação interpretam e divulgam essas declarações, considerando seu potencial para desafiar ou reforçar normas sociais estabelecidas. Essa análise crítica permitirá compreender melhor a função da mídia não apenas como um canal de informação, mas como um agente ativo na construção de narrativas sociais.

O artigo está estruturado em três partes principais: uma revisão teórica sobre o jornalismo pelo prisma da alteridade e da diversidade, problematizando esses dois conceitos. No segundo momento, uma breve apresentação de como se desenhou a metodologia da Análise do Discurso e o corpus e, por fim, uma discussão dos resultados obtidos a partir das matérias selecionadas, explorando as implicações dessas representações para a sociedade contemporânea.

Fundamentação teórica - aspectos conceituais sobre alteridade e representação

A cobertura jornalística das declarações do Papa Francisco sobre homossexualidade, especialmente no contexto das suas falas de 2023 e do primeiro semestre de 2024, oferece uma rica oportunidade para analisar a prática jornalística sob os prismas da alteridade e diversidade. O conceito de alteridade, conforme planejado por Emmanuel Lévinas (1988), implica respeito e respeito pelo outro como diferente de si, sem tentar assimilá-lo ou julgá-lo pelos próprios padrões. Para Lévinas, “a ética é a primeira filosofia” (LÉVINAS, 1988, p. 9), enfatizando que a relação com o outro deve ser fundamentada na responsabilidade e na abertura ao que é diferente. No jornalismo, isso se traduz na obrigação ética de representar as diversas vozes e experiências de maneira justa e respeitosa, sem estimular estigmas ou preconceitos. A prática do jornalismo deve, portanto, comprometer-se com a construção de narrativas que consideram a complexidade das identidades e das experiências humanas.

A alteridade no jornalismo não apenas desafia os profissionais a transcender seus próprios preconceitos e perspectivas limitadas, mas também a promover uma comunicação que valorize a diversidade e o diálogo. Conforme Sousa (2018), “a cobertura midiática deve ser inclusiva e plural, representando vozes diferentes e experiências, especialmente em temas controversos como a homossexualidade” (SOUSA, 2018, p. 24). Essa abordagem inclusiva não apenas enriquece a narrativa jornalística, mas também desempenha um papel crucial na formação de um espaço público onde todas as identidades podem ser reconhecidas e respeitadas. Isso se torna ainda mais pertinente em um contexto de polarização social, onde as vozes LGBTQIA+ frequentemente enfrentam silenciamento ou coincidência.

Outro ponto importante na discussão sobre alteridade no jornalismo, Boaventura de Sousa Santos (2007) propõe uma ideia de “epistemologias do Sul”, ou seja, uma valorização de saberes e perspectivas marginalizadas no discurso hegemônico. Ele sugere que o jornalismo pode ser um espaço para a criação de visibilidade e valorização dessas epistemologias, promovendo uma narrativa mais inclusiva e diversa. No caso das declarações

do Papa Francisco sobre a homossexualidade, a aplicação das “epistemologias do Sul” permitiria uma cobertura que fosse além da simples polarização moral, abrindo espaço para vozes que muitas vezes são marginalizadas na mídia tradicional.

Ademais, é relevante citar Muniz Sodré (2018), que discute a relação entre mídia, poder e identidade cultural. Segundo Sodré, “a mídia não reflete apenas a realidade, mas participa ativamente na sua produção e reprodução, influenciando a construção das identidades sociais” (SODRÉ, 2018, p. 35). Esta perspectiva é crucial ao examinar como as narrativas jornalísticas moldam as percepções públicas sobre temas sensíveis como a homossexualidade, destacando a importância da análise crítica das práticas midiáticas para entender seus impactos na sociedade contemporânea. Ao abordar as declarações papais, a cobertura da mídia não pode ser vista como um simples reflexo das falas, mas como uma construção que pode fortalecer ou desafiar as normas sociais vigentes.

Em complemento, Sodré (2018) enfatiza que “o jornalismo, ao abordar questões de alteridade, deve buscar representar as vozes marginalizadas de forma ética e responsável, promovendo uma comunicação inclusiva e respeitosa” (SODRÉ, 2018, p. 40). Nesse contexto, a cobertura das declarações papais pela imprensa brasileira pode ser examinada à luz desses princípios, explorando como diferentes veículos se articulam e negociam significados em torno da homossexualidade. Esse exame revela não apenas a forma como as vozes LGBTQIA+ são representadas, mas também a maneira como essas representações influenciam a percepção pública sobre o tema.

A diversidade no jornalismo, por outro lado, envolve a representação equitativa e inclusiva de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, Stuart Hall (1997) argumenta que a mídia desempenha um papel crucial na construção de identidades sociais ao selecionar e moldar quais histórias são contadas e como. Hall afirma que “a representação não é um reflexo neutro da realidade; ela é uma construção que reflete valores sociais, relações de poder e ideologias” (HALL, 1997, p. 60). No caso das declarações do Papa Francisco, a forma como a mídia brasileira cobre esses eventos pode tanto promover uma compreensão mais inclusiva da homossexualidade quanto a perpetuar estereótipos e preconceitos. A análise crítica dessa cobertura permite identificar as estratégias discursivas utilizadas e os efeitos dessas narrativas na construção social das identidades homossexuais.

No campo dos estudos sobre sexualidade, Michel Foucault desempenha um papel fundamental ao abordar as relações entre poder e discurso, em sua obra *História da Sexualidade: A Vontade de Saber* (1976), oferece uma perspectiva fundamental para

compreender como os discursos sobre a sexualidade são regulados pelas instituições sociais. Ele destaca como, ao longo da história, o poder foi exercido sobre os corpos e os comportamentos sexuais através de mecanismos disciplinares, como a medicina, a religião e o direito. Nesse sentido, a imprensa pode ser vista como uma dessas instituições que participam na regulação dos discursos sobre a sexualidade, moldando as percepções públicas sobre temas como a homossexualidade. A análise das falas do Papa sobre a homossexualidade à luz da teoria foucaultiana nos permite observar como esses discursos não apenas refletem o poder, mas também atuam como uma ferramenta para sua manutenção e disseminação (Foucault, 1976, p. 98).

Seguindo essa linha de pensamento, é relevante também considerar as contribuições de Gayle Rubin, cuja obra "Pensando Sexo: Notas para uma Teoria Radical da Política de Sexualidade" oferece uma análise da forma como a sexualidade é categorizada e hierarquizada socialmente. Rubin (1984) enfatiza que as sociedades ocidentais tendem a organizar a sexualidade em um sistema de valor moral que distingue comportamentos aceitáveis de inaceitáveis, colocando a heterossexualidade normativa no topo da posição. Assim como Foucault, Rubin aponta que a sexualidade é regulada por normas sociais e políticas, e suas observações são particularmente úteis para analisar como a imprensa reproduz essas posições. Ao examinar a cobertura da mídia sobre as declarações do Papa, pode-se perceber como certos discursos reforçam essas posições de poder, marginalizando ou patologizando a homossexualidade, e contribuindo para a construção de uma identidade homossexual subalterna (Rubin, 1984, p. 25).

Outro ponto essencial da teoria de Rubin é sua crítica ao que ela chama de "pensamento binário sobre a sexualidade". Rubin (1984) argumenta que o sistema social ocidental cria oposições binárias, como normal/desviante ou moral/imoral, que limitam a compreensão da diversidade sexual. Essa perspectiva pode ser aplicada à análise do tratamento que a imprensa dá às falas do Papa sobre a homossexualidade, muitas vezes retratando o tema dentro dessas dicotomias. A mídia, ao reproduzir esses binarismos, pode contribuir para o fortalecimento de estigmas e preconceitos, ao invés de promover uma discussão mais inclusiva e pluralista sobre a sexualidade. Portanto, a contribuição de Rubin é crucial para entender como os discursos midiáticos sobre a homossexualidade, influenciados por figuras de autoridade como o Papa, podem perpetuar estruturas de exclusão (Rubin, 1984, p. 31).

A reflexão sobre a alteridade no jornalismo, especialmente ao abordar questões de sexualidade, revela a necessidade urgente de uma prática jornalística que transcenda visões hegemônicas e promova a inclusão de vozes historicamente marginalizadas. A cobertura das declarações do Papa Francisco serve como um exemplo de como o jornalismo pode, ou não, contribuir para a construção de narrativas que respeitam e reconhecem a diversidade. Assim, é essencial que os profissionais da mídia se comprometam com uma abordagem que favoreça a pluralidade, evitando reducionismos que reforcem estigmas e preconceitos. O jornalismo deve agir como um agente de mudança, desafiando as normas sociais que perpetuam a exclusão e promovendo um diálogo respeitoso sobre a complexidade das identidades e experiências LGBTQIA+.

Em suma, a alteridade no jornalismo não é apenas uma questão ética, mas também uma responsabilidade social. A maneira como as histórias são contadas pode ter um impacto profundo na percepção pública e na formação de identidades sociais. Uma prática jornalística que valoriza a alteridade não só enriquece a narrativa, mas também abre espaço para a construção de um espaço público mais justo e inclusivo. Através da análise crítica das narrativas midiáticas, é possível identificar não apenas a representação das vozes LGBTQIA+, mas também o papel do jornalismo na promoção de uma cultura de respeito e entendimento, fundamentais em tempos de polarização e conflitos sociais.

O percurso metodológico e o corpus

A pesquisa foi conduzida por meio de uma análise do discurso. Para alcançar os objetivos propostos, será utilizada a metodologia de Análise do Discurso (AD), que se mostra adequada para investigar como os textos jornalísticos constroem significados e reproduzem ideologias. A AD permite examinar as estruturas linguísticas e o contexto sociocultural. A metodologia adotada neste estudo é a análise do discurso de linha francesa, conforme desenvolvida por autores como Michel Pêcheux (1990) e Dominique Maingueneau (2008). Este enfoque teórico-metodológico é particularmente adequado para examinar as marcas linguístico-discursivas presentes nos textos jornalísticos, permitindo uma análise crítica das representações sociais.

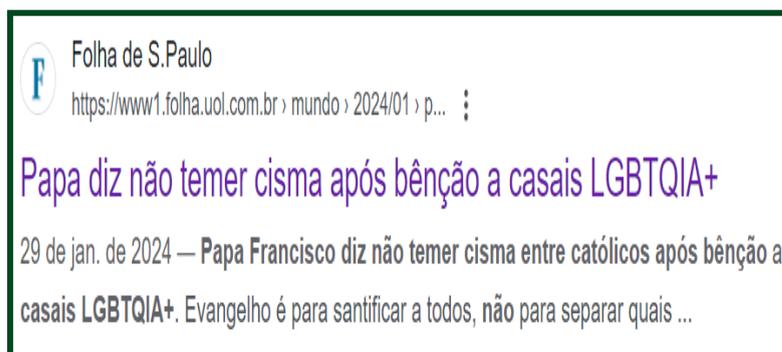
Michel Pêcheux (1990) e Dominique Maingueneau (2008) oferecem uma base teórica sólida para a análise do discurso jornalístico. Pêcheux introduziu a ideia de que os discursos são atravessados por ideologias que refletem e reforçam relações de poder na sociedade.

Maigneueau, por sua vez, destacou a importância do contexto sociocultural na interpretação dos textos. Aplicar essa abordagem à cobertura das falas do Papa sobre homossexualidade nos permite desvelar as camadas de significado subjacentes e as implicações ideológicas presentes nas matérias jornalísticas. Essa análise pode revelar, por exemplo, se a mídia tende a adotar uma postura mais conservadora ou progressista ao tratar de questões LGBTQIA+.

A metodologia do presente estudo delimita um recorte temporal que abrange os anos de 2023 e 2024, com o objetivo de investigar a cobertura jornalística das declarações do Papa Francisco sobre a homossexualidade em cinco veículos de comunicação brasileiros: Veja, Estadão, Folha de S. Paulo, CNN Brasil e O Globo. Para uma análise mais robusta, foram selecionadas dez matérias, divididas em cinco do gênero informativo e cinco artigos de opinião. As palavras-chave que foram utilizadas no campo de busca do acervo digital são "Papa Francisco", "homossexualidade", "casamento homoafetivo" e "LGBTQIA+", permitindo uma abordagem direcionada aos temas que permeiam as discussões contemporâneas sobre sexualidade e identidade.

A primeira etapa do processo metodológico foi a identificação e categorização dos temas recorrentes nas matérias selecionadas. Essa etapa é fundamental para compreender quais aspectos das declarações do Papa estão sendo mais abordados e como eles se articulam dentro do contexto sociopolítico brasileiro. A categorização permitiu não apenas um mapeamento das principais questões levantadas, mas também facilitou a identificação de possíveis lacunas ou silêncios nos discursos presentes na mídia. A partir dessa análise inicial, foram estabelecidos critérios para a coleta do corpus, garantindo uma amostragem representativa das diferentes abordagens dos veículos escolhidos.

Alguns dos temas encontrados:



Fonte: Folha de S. Paulo



Nos seminários já ‘tem muita viadagem’, teria dito papa Francisco

Mídia italiana afirma que pontífice usou termo homofóbico em reunião com bispos ao rejeitar a admissão de homens gays em escolas de formação...

Fonte: Veja

Opinião / Editorial



Editorial

A opinião do GLOBO

Bênção a gays e divorciados reforça humanização do papado de Francisco

Com decisão histórica, pontífice tenta modernizar visão da Igreja sobre a sociedade contemporânea

Fonte: Grupo O Globo

Notícia • Estadão / [Brasil](#)

Papa Francisco: ‘Ser homossexual não é crime, mas é pecado’

Pontífice argentino defendeu que membros da Igreja Católica respeitem a comunidade LGBT+

Fonte: Estadão

Após a coleta das matérias, procedeu-se à análise discursiva, utilizando as teorias de Michel Pêcheux (1990) e Dominique Maingueneau (2008) como referência. A análise do discurso de linha francesa possibilitou investigar as estratégias linguísticas e discursivas que moldam as narrativas sobre a homossexualidade e o casamento homoafetivo, por exemplo. Esse tipo de análise considera não apenas o conteúdo das matérias, mas também a forma

como a linguagem é utilizada para construir significados e relações de poder. Foi essencial examinar como os discursos sobre o Papa Francisco e sua posição em relação à comunidade LGBTQIA+ são elaborados, destacando tanto as convergências quanto as divergências nas abordagens dos diferentes veículos.

A interpretação dos dados coletados foi realizada à luz do conceito de alteridade no Jornalismo, que se propõe a refletir sobre como as vozes e experiências das minorias são representadas nos discursos jornalísticos. Essa abordagem permitiu analisar se a cobertura contribui para a construção de uma identidade homossexual inclusiva ou se, ao contrário, perpetua estigmas e marginalizações. É fundamental compreender como as declarações do Papa Francisco são processadas para a esfera pública, bem como seu impacto nas narrativas sobre a comunidade LGBTQIA+.

Por fim, a metodologia adotada não apenas buscou mapear as representações acerca da homossexualidade na mídia, mas também fornecer uma análise crítica que permita refletir sobre as implicações sociais e culturais dessas representações. Através dessa pesquisa, esperamos contribuir para o entendimento das dinâmicas de inclusão e exclusão presentes no discurso midiático, evidenciando a importância de se considerar a alteridade como um princípio fundamental no Jornalismo contemporâneo. Assim, esta metodologia será metodologia adotada traz uma abordagem crítica e essencial para revelar as implicações ideológicas dentro de um contexto de crescente ódio, violência e movimentos anti-direitos.

Principais conclusões e discussão

A análise das matérias e artigos sobre as declarações do Papa Francisco revela uma complexa rede de formações discursivas e ideológicas que refletem uma Igreja Católica em transformação. Essas formações oscilam entre a reafirmação dos valores tradicionais da instituição e a tentativa de humanizá-la, buscando uma abertura progressiva às demandas sociais contemporâneas. A ideologia predominante nos textos analisados sugere uma dualidade, expressando a tensão entre a atualização da Igreja e a manutenção das suas tradições eclesiais. Essa dualidade se manifesta em discursos que, por um lado, favorecem a inclusão e a aceitação de casais homossexuais e, por outro, reafirmam limites doutrinários.

Os efeitos de sentido observados nas matérias variam entre a humanização e o conservadorismo. Em publicações como "O Globo" e "Veja", o discurso do Papa é interpretado como um sinal de progresso e uma tentativa de reconciliar a Igreja com a sociedade moderna, criando uma imagem positiva de inclusão. Contudo, outras publicações,

como "Estadão" e "CNN Brasil", ressaltam que essas mudanças são limitadas e não alteram a postura fundamental da Igreja sobre a moralidade sexual, reforçando uma visão crítica sobre a real extensão das mudanças propostas.

A interdiscursividade é um elemento crucial na análise, incluindo influências das doutrinas religiosas, da matriz heteronormativa e da visão social sobre direitos e inclusão. A interdiscursividade religiosa se torna evidente na maneira como o discurso do Papa é analisado à luz dos princípios católicos, gerando debates sobre como suas declarações se alinham ou divergem das tradições da Igreja. A interdiscursividade heteronormativa se manifesta nas discussões sobre a aceitação da homossexualidade e seu impacto nas normas tradicionais sobre casamento e sexualidade. Por sua vez, a interdiscursividade social coloca as declarações do Papa no contexto das mudanças sociais e políticas mais amplas, refletindo a influência de fatores externos sobre as discussões acerca da sexualidade.

A posição enunciativa adotada nos textos varia significativamente. Enquanto alguns artigos manifestam apoio às ações do Papa, apresentando-o como um líder progressista que busca a reconciliação da Igreja com valores contemporâneos, outros adotam uma postura crítica, questionando se essas ações representam mudanças significativas ou se são estratégias de comunicação para suavizar críticas internas e externas.

As marcas de ausência de alteridade no discurso são igualmente notáveis. O reconhecimento da diversidade é frequentemente limitado, apresentando narrativas dicotômicas que simplificam questões complexas e dificultam uma verdadeira valorização das diferenças. A inclusão de discussões sobre a "viadagem" nos seminários e a rejeição de seminaristas gays sinaliza uma resistência às normas estabelecidas e uma necessidade de repensar estruturas de poder dentro da Igreja, o que pode ser interpretado como uma expressão de alteridade.

A humanização da sexualidade não hegemônica é uma abordagem que valoriza a dignidade e os direitos humanos das pessoas LGBTQIA+, refletida na narrativa que humaniza o Papa e suas decisões, como a concessão de bênçãos a casais do mesmo sexo. No entanto, a falta de voz e perspectiva das dissidências é uma marca significativa na cobertura. As matérias geralmente centralizam a visão da Igreja ou do Papa, negligenciando as vozes das comunidades LGBTQIA+ afetadas por essas declarações. Essa exclusão de sujeitos historicamente marginalizados impede o jornalismo de promover uma verdadeira alteridade.

O enfoque na instituição em detrimento do indivíduo torna-se evidente, uma vez que as matérias tendem a priorizar as dinâmicas internas da Igreja e a figura do Papa, relegando as

realidades vividas pelos indivíduos dissidentes a um segundo plano. Essa abordagem institucional desconsidera a alteridade, ao não valorizar as experiências e subjetividades dos sujeitos diretamente impactados pelas políticas e declarações eclesiais.

Entende-se que um dos principais impedimentos para uma representação mais fiel à alteridade no jornalismo é uma predominância de narrativas simplificadas que favorecem estereótipos e generalizações. Muitas vezes, os assuntos tendem a construir uma imagem monolítica das comunidades LGBTQIA+, desconsiderando a diversidade interna e as complexidades das experiências vividas por indivíduos dentro desses grupos. Essa abordagem não apenas empobrece o debate, mas também perpetua a marginalização, uma vez que as vozes e vivências de diferentes segmentos da população LGBTQIA+ são silenciadas em favor de narrativas mais palatáveis e alinhadas às expectativas sociais. O uso de jargões ou termos pejorativos, por exemplo, pode fortalecer preconceitos e limitar a compreensão da diversidade sexual e de gênero.

Outro fator relevante diz respeito à falta de um jornalismo engajado com a questão da diversidade. A formação e a sensibilidade dos jornalistas que cobrem temas relacionados à sexualidade e à identidade de gênero têm um impacto direto na qualidade da representação. Muitas vezes, a falta de uma compreensão aprofundada sobre questões LGBTQIA+ pode levar a abordagens superficiais, onde a cobertura se limita a reproduzir discursos dominantes sem questionar as estruturas de poder que os sustentam. Isso resulta em uma cobertura que, embora possa parecer neutra ou objetiva, na realidade, contribui para a manutenção de narrativas que excluem as experiências de grupos historicamente marginalizados.

Além disso, a pressão comercial e as demandas de audiência influenciam as decisões editoriais, muitas vezes priorizando conteúdos que geram retorno em detrimento de uma cobertura que busca realmente representar questões com alteridade. Os assuntos que se concentram em polêmicas ou em questões morais tendem a atrair mais atenção, enquanto as abordagens que buscam um diálogo profundo e respeitoso sobre as experiências ou direitos LGBTQIA+ podem ser consideradas menos relevantes do ponto de vista comercial. Essa dinâmica reforça a necessidade de uma transformação no paradigma jornalístico, em que a diversidade não seja apenas um tema de interesse ocasional, mas uma parte integrante do compromisso com a justiça social e a equidade na cobertura.

Considerações finais

Utilizando-se a lente da alteridade e diversidade, o estudo buscou revelar como diferentes veículos se articulam e negociam significados em torno desse tema sensível e polarizador. A ideia foi explorar a presença de opiniões e estereótipos na cobertura, enfatizando a importância de um jornalismo ético e empático, que possa promover um diálogo dentro da sociedade contemporânea. Com o intuito de explorar as estratégias discursivas utilizadas pela mídia hegemônica, esta pesquisa contribuiu para uma compreensão mais profunda de como o jornalismo pode impactar positivamente na promoção de uma cultura de respeito à outridade.

As matérias analisadas sobre as declarações do Papa Francisco em relação à homossexualidade evidenciam uma complexa interseção entre alteridade, violência simbólica, ideologia e poder. A cobertura jornalística oscila entre a humanização do Papa como um líder progressista e a reafirmação de valores tradicionais da Igreja, criando uma tensão discursiva que reflete a resistência à normatividade e a tentativa de modernização institucional. No entanto, a ausência de vozes e outras perspectivas nas narrativas revela uma limitação significativa no reconhecimento da alteridade, perpetuando uma violência simbólica que desconsidera a perspectiva dos sujeitos historicamente marginalizados. Esse enfoque centrado na instituição, em detrimento das experiências individuais, evidencia a manutenção de estruturas de poder que resistem a novas práticas comunicacionais pautadas pelo pluralismo e pelo reconhecimento do Eu, do outro e das diferenças.

Referências

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

HALL, Stuart. **Representação: cultura, mídia e significado**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Papyrus, 1997.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**: uma busca pela exterioridade. Trad. Lúcio Cardoso. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma introdução à análise do discurso**. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

RUBIN, Gayle. **Pensando sexo**: notas para uma teoria radical da política de sexualidade. Trad. Gabriela de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1984.

SODRÉ, Muniz. O olhar que escuta: comunicação e identidade. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2018.

SOUSA, Boaventura de. Epistemologias do Sul. 1.ed. Coimbra: Edições Almedina, 2007.